

Da Teologia da Libertação à libertação da teologia: a biografia de um intelectual protestante

Anaxsuell Fernando Silva ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.31735>

Resumo: Este artigo é desdobramento de investigação sobre a biografia de Rubem Alves (1933 - 2014), teólogo, escritor, cronista e educador brasileiro para tese doutoral. Neste texto, de maneira específica, discute-se o percurso intelectual deste autor no que tange à sua singularidade – de teólogo da libertação a cronista do cotidiano e escritor de contos infantis. Evidenciamos o percurso da sua trajetória com o entorno social institucional e político no qual esteve imerso. Neste sentido, a biografia em questão colabora no desvelamento das instituições religiosas e do regime político vigente no país, além de problematizar as escolhas do biografado. Assim, a relação entre sujeito e realidade externa expressa por sua capacidade de construir novos mundos, atribuir novos sentidos à vida, abrir-se ao simbólico e ao devir; e não, pelo adaptar-se passivamente à realidade exterior submetendo-se a ela.

Palavras-chave: Rubem Alves; Teologia; Política

From liberation theology to freedom of theology: the biography of a Brazilian protestant intellectual

Abstract: This article is unfolding research on the life of Rubem Alves (1933 - 2014), theologian, psychoanalyst, writer, columnist and Brazilian educator for doctoral thesis. In this text, specifically, discusses the intellectual journey this author with respect to its uniqueness - of the liberation theologian daily columnist and writer of children's stories . Contrasted his academic publications to his literary writings to suggest an aesthetic kenosis throughout his career. That is, the theological production Rubem Alves was initially sustained in sociological perspectives within the political humanism. And throughout their crossings it was becoming a heterodox theology, emphasizing the poetic magic, utopia and imagination. In this sense, we question the relationship between subject and external reality begins to express itself in its ability to build new worlds, to assign new meanings to life and to open up to the symbolic and to the process of becoming, rather than passively surrendering to external reality.

Keywords : Rubem Alves, Theology, political

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.. E-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br

Desde la Teología de la Liberación: la biografía de un intelectual protestante

Resumen: En este artículo es parte de la investigación sobre la biografía de Rubem Alves (1933 - 2014), teólogo, escritor, columnista y educador brasileño para mi tesis doctoral. Aquí, en este texto, se analiza la trayectoria intelectual de este autor en términos de su singularidad - del teólogo de la liberación para convertirse en columnista y escritor de cuentos infantiles. Mostramos el curso de su carrera con el entorno social institucional y político en la que estaba inmerso. En este sentido, la biografía que se trate coopera en la inauguración de las instituciones religiosas y el régimen político en el país, y discutir las opciones biografía. Por lo tanto, la relación entre el sujeto y la realidad externa expresada por su capacidad para construir nuevos mundos, asignar nuevos significados a la vida, abiertos a lo simbólico y devenir; y no por una adaptación pasiva a la realidad externa mediante la presentación a la misma.

Palabras clave: Rubem Alves; la teología; política

Recebido em 22/04/2016 - Aprovado em 29/08/2016

No seu livro *A poética do devaneio*, Gaston Bachelard, ao falar dos “devaneios voltados para a infância”, afirma que “A inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível”. Não se trata de uma criança específica, é a imagem da criança que enche de ternura e força. Na história de Rubem, duas imagens se fundiram: a do pastor e a da criança. Cuidado e experiência de abandono se desdobrariam no aprofundamento da vida religiosa.

A decisão era ir para o seminário. A rotina da vida no seminário era rígida. As orações eram constantes, orava-se antes da refeição matinal e durante o culto que seguia-se ao café da manhã; em seguida, orava-se antes do início de cada aula; antes do almoço, das atividades vespertinas, e, obviamente, no culto noturno. Entre uma prece e outra, era imprescindível a leitura dos “burrinhos”² e da bíblia.

Não era necessário ler outros autores, a lição dada pelo professor era suficiente para o exercício pastoral. O seminarista ideal possuía a virtude da certeza e, por isso, abdicava de fazer perguntas. Sua certeza era uma adesão tácita do intelecto aos dogmas da fé.

O burrinho de Teologia do Novo Testamento tinha doze páginas mimeografadas. Era tudo que o professor tinha para falar sobre o assunto em todo o semestre. Num ímpeto de criatividade e como protesto condição de papagaio, coloquei numa prova dois exemplos diferentes daqueles que o

² Apelido dado pelos alunos às apostilas das disciplinas do seminário. A inspiração vinha da parábola bíblica do bom samaritano em que um homem ferido fora levado a uma hospedaria “montado num burro”.

professor colocara no burrinho. Por esta ousadia, perdi dois pontos. O professor me informou que eu deveria ter repetido o que estava escrito no burrinho. (ALVES, 2009, p. 131)

Em relação ao seu quadro pastoral em formação, a expectativa da Igreja Presbiteriana do Brasil – instituição mantenedora do Seminário Presbiteriano do Sul – era modesta; preteria-se a aquisição de ousadia intelectual, criticidade ou criatividade, em lugar de uma memória domesticada. Isto é, o desejo institucional era que os seminaristas guardassem todos os ensinamentos do período de formação e os reproduzissem rigorosamente em sua prática eclesial.

Saber a verdade é repetir a verdade. É verdade que a repetição tende a criar um estado emocional de enfado, por eliminar das expectativas todas as possibilidades de surpresa. Se o passado é a norma absoluta, podemos estar certos de que o amanhã será igual a hoje, e qualquer tempo futuro será igual ao amanhã. Entretanto, a função tranquilizante da repetição compensa amplamente o enfado que ela produz(...) Repetir para o protestante, equivale a dizer que a 'velha mensagem' ainda é válida. (ALVES, 2005, p. 138)

Fundado em 1888, o Seminário Presbiteriano do Sul era considerada uma das melhores escolas de formação e aperfeiçoamento de pastores da América do Sul. O prédio³ imponente com arquitetura grega clássica, tijolos aparentes e quatro imensas colunas era chamado pelos presbiterianos da década de cinquenta de “casa dos profetas”. Os professores – eminentes pastores e líderes da denominação – moravam nos arredores do seminário. Os alunos residiam em alojamentos dentro do território da escola. Tinham permissão de saída no final de semana para frequentarem o culto da igreja na qual estavam vinculados.

Não fui para o seminário para aprender coisas diferentes daquelas que eu já sabia. Fui ao seminário para que as certezas que já tinha ficassem mais certas do que já eram. Primeiro crer, depois pensar. (apud SILVA, 2014)

O fardo da rotina dos seminaristas era abrandado pelas partidas de futebol. Rubem era desprovido de habilidades para a prática deste esporte – “cabecear uma bola

³ Ainda hoje, funciona na mesma sede própria na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, no bairro Jardim Guanabara, região nobre da cidade. A propriedade do Seminário ocupa uma área de 19.000 m²

que caía das alturas era coisa que me aterrorizava” (ALVES, 2006, p. 27) – e, por isso, tornou-se um “torcedor fiel” do time do seminário. Os jogos, obviamente, eram sacramentados com um prelúdio litúrgico; antes do início os dois times reuniam-se no centro do campo, abaixavam suas cabeças e contritos oravam. Iniciada a partida, os jogadores-seminaristas olvidavam das orações e “não era infrequente que a partida degenerasse em brigas e palavrões” (ALVES, 2006, p. 27). Independente do resultado da partida, no dia a rotina continuaria, haveria aula. Na memória de Rubem, “O seminário era uma pequena aldeia onde tudo era sempre o mesmo”.

Para compreender melhor o ambiente fundamentalista no qual se inserira Rubem Alves é preciso que retornemos a anos anteriores, deste modo será possível elucidar o entorno social da denominação protestante da qual ele mais tarde seria pastor.

A Igreja Presbiteriana foi fundada em meados do século XIX por um jovem solteiro de 26 anos. Por este motivo, a presença de jovens entre os líderes desta denominação religiosa foi continuamente estimulada. Institucionalizada no âmbito eclesiástico, esta juventude passa a editar o *Jornal Mocidade* o qual passa a exercer, nos anos seguintes⁴ uma significativa influência na Mocidade Presbiteriana em todo Brasil.

Entre os principais assuntos veiculados pelo jornal nos primeiros anos estavam além dos temas notadamente religiosos (evangelização, eclesiologia e trabalhos da juventude), temáticas relativas a política (o jornal combatia severamente a “ditadura implantada por Getúlio Vargas”⁵); ao ecumenismo e apreciações do funcionamento do governo presbiteriano. As duras críticas atingiriam, também, a imprensa oficial da IPB, a saber o jornal *O Puritano*⁶. A respeito deste cenário escreveu Elter Maciel em sua tese sobre o pietismo no Brasil: “É preciso reconhecer que se as modificações desejadas pelos jovens fossem realizadas, aquilo que o protestante entende como igreja desapareceria” (MACIEL, 1972, p. 122).

Uma das figuras mais influentes na cúpula da Confederação Nacional de Mocidade Presbiteriana (CMP) seria o ex-missionário na Colômbia Richard Shaull. Este, recém-admitido como professor no Seminário Presbiteriano, seria convidado a participar como escritor e conferencista dos congressos nacionais⁷ de juventude e entidades de universitários evangélicos⁸. Numa série de artigos publicados⁹ no jornal anteriormente

⁴ O aparecimento do *Jornal Mocidade* se deu no dia 01/05/1944. Cf. Araújo, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*. 2ª ed. Rio de Janeiro: ISER, 1982.

⁵ *Mocidade*, Ano I, Setembro de 1948, p.2

⁶ Idem, Julho de 1950, p. 1

⁷ Os congressos nacionais de juventude presbiteriana são pontos marcantes na história desta denominação, merece registro as edições ocorridas em Jacarepaguá (1946); Recife (1950), Lavras (1952); Salvador (1956), Presidente Soares (1959) e Campinas (1964).

⁸ Na década de 1940 apareceram os “movimentos estudantis cristãos” inspirados pela “Federação Mundial de Estudantes”; organização originada na França e pioneira no movimento ecumênico do pós-guerra. Responsável, em grande medida, pela formação de novas lideranças. De 1968 a 1973 Shaull foi presidente desta entidade. (Cf. Sinner; Wolff, 2006; Bonino, 2002).

⁹ Jornal *A mocidade*, artigos a partir de maio de 1953.

mencionado, Richard Shaull advoga a necessidade dos jovens atentarem para os problemas sociais e políticos que permeavam a sociedade brasileira.

Entretanto, a maioria conservadora da denominação religiosa não se calava. Um grupo de jovens presbiterianos do Recife escreve um documento criticando fortemente o Jornal *Mocidade*, pois este “difunde e patrocina ideias e atitudes absolutamente antagônicas às ideias e atitudes da IPB”¹⁰. Em outra frente, durante o discurso de formatura da turma de 1952, Guilherme Kerr, professor do Seminário Presbiteriano Sul, critica calorosamente o apreço dos jovens pelos teólogos néo-ortodoxos e ecumenistas:

A mocidade, sem o mínimo de conhecimento de causa, mas com grande presunção de saber, redige seus jornais e, no abuso de direitos que a Igreja lhe cede, enxovalha ministros e até igrejas; exalta falsos mestres revelando uma ignorância revoltante dos fatos que se põe a comentar e das doutrinas em que devia crer e recomenda ao leitor a sabedoria e a infalibilidade de tais mestres¹¹

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), durante os preparativos para a sua 2ª Assembléia, convidou Shaull para preparar diagnóstico dos problemas sociais na América Latina. Após a assembleia foi criado o *Setor de Responsabilidade Social da Igreja*, vinculado à Confederação Evangélica do Brasil, com objetivo de analisar questões brasileiras tais como: industrialização, o êxodo rural, o crescimento das favelas e a reforma agrária. Anos mais tarde¹², foram realizadas três consultas sobre a responsabilidade social da igreja com a presença de teólogos, sociólogos e economistas de oito países da América Latina.

O ápice deste movimento contra-conservador foi a quarta reunião realizada em Recife, em 1962 – mesmo ano que fracassara o intervencionismo norte-americano em Cuba, nomeada de *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, no qual estiveram presentes 160 delegados (pertencentes a 17 estados brasileiros e 16 denominações evangélicas). Entre os preletores, além do Shaull, estavam eminentes intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre, Paul Singer, Paulo Freire e Celso Furtado. Estas ações se ampliaram e convergiram para a criação da *Igreja e Sociedade na América Latina* (ISAL), a qual teria como um dos líderes Rubem Alves. Este movimento, para o antropólogo Waldo César, superou

O nível teológico, ideológico e institucional em que se movia timidamente o protestantismo brasileiro. Foi portanto um rompimento. O compromisso de fé tinha uma nova referência, criava um vocabulário novo, outra leitura da bíblia – e da realidade social na qual vivíamos, mais

¹⁰ Idem, Julho de 1951, p. 2

¹¹ Atas da IPB e do SPS, 1954, p. 121.

¹² 1955, 1957 e 1960.

como vítimas do que participantes. O projeto Igreja e Sociedade foi uma forma de inserção na conjuntura nacional e revelação das contradições do protestantismo no país, das coisas velhas e novas que se produziam nas igrejas e na cultura brasileira. (Apud: FARIA, 2002, p. 173)

As mudanças propostas eram tão substantivas a ponto de ser necessário “reconhecer que se as modificações desejadas pelos jovens fossem realizadas, aquilo que o protestante entende como Igreja desapareceria” (MACIEL, 1972, p. 122).

Como se não fora suficiente a mobilização política de Richard Shaull, ele tratava de arrefecer as reflexões teóricas dentro do Seminário. Ele tomou para si a responsabilidade de introduzir o pensamento da escola teológica “neo-ortodoxa”¹³ de Karl Barth, Emil Brunner, Reinhold Niebuhr, apenas para mencionar alguns.

Estando no seminário, descobri o espírito de vitalidade, em uma época em que não existia a Teologia da Libertação, e em um lugar onde não se estudava a Reforma. Na biblioteca de Campinas não encontrei praticamente nenhum livro de Calvino ou Lutero, e foi assim que tive a oportunidade de apresentar a esta nova geração de jovens a teologia neo-ortodoxa, que pensava que era realmente a última palavra, e uma teologia em que era possível relacionar a fé com a vida, com as lutas sociais. Isso despertou muito interesse nos estudantes e na juventude da igreja. (ALVAREZ, 1997, p. 28)

Obviamente, o destaque dado ao Dick Shaull – mentor intelectual e inspiração política de Rubem Alves – desperta a hegemonia conservadora da Igreja Presbiteriana do Brasil. A contraofensiva ganha fôlego com uma reunião dos presidentes de Sínodos e secretários sinodais da mocidade, sucedida de um encontro especial da Comissão Executiva do Supremo Concílio; o resultado destas reuniões foi a extinção da Confederação Nacional de Mocidade Presbiteriana e, por conseguinte, a desvalorização dos seus instrumentos de comunicação.

A cúpula da Igreja reconhece que existe uma atuação forte de sua mocidade, que estava muito além de suas bitolas eclesiais tradicionais, mas resolve emascular essa mocidade e tirar-lhe todo o seu dinamismo e sua criatividade. Trata-la com uma simples “liga juvenil” e não

¹³ A Teologia existencial, dialética ou “neo-ortodoxa” caracteriza-se, entre outros aspectos, por ver a presença de aparente contradição como indicação positiva da verdade. É neste ponto que ocorre a crise de Fé (elemento fundamental na vida religiosa). Cf. Erickson, 2001.

como uma juventude alerta e consciente, apesar de todos os seus arrojos e falhas. A velha Igreja sentiu-se ameaçada pela nova Igreja que surgia no final de um século de história. Mas essa nova igreja que emergia, a Igreja dos jovens, na opinião dos velhos, somente poderia sobreviver se fosse vigiada e controlada pelos “concílios superiores”, o que significaria sua morte. (ARAÚJO, 1982, p. 94)

Todos estes esforços confluem para que, no início dos anos de 1960, se deflagre a participação de grupos evangélicos, católicos e não-cristãos em esforços por uma “transformação revolucionária” da sociedade brasileira. A reação da maioria protestante é, como vimos, desfavorável. Integrantes de setores progressistas acabam sendo excluídos dos seus cargos e, na maioria dos casos, da igreja pelas hierarquias conservadoras. Processo semelhante era vivenciado, paralelamente, na Igreja Católica. (Ver: BARROS, 2011)

Após um período de férias, em 1958, Shaull recebera uma carta do reitor do Seminário Presbiteriano de Campinas solicitando que este não retornasse ao Brasil. A cúpula da Igreja e, por conseguinte, da faculdade teológica, estava convicta de que o ensino de Shaull tornara-se um centro irradiador de discórdia na Igreja. Ele estava demitido. No entanto, o tempo de ensino fora suficiente para influenciar decisivamente alguns jovens estudantes.

Como resultado imediato dessa perseguição, como relata o próprio Shaull, foi a aproximação entre segmentos evangélicos e uma fração de católicos progressistas. Em São Paulo, para exemplificar, ele se aproxima dos dominicanos e colabora com o jornal “Brasil Urgente”, dirigido pelo frei Carlos Josafá. No Rio de Janeiro, Waldo César se une a intelectuais católicos e marxistas para criar a Editora Paz e Terra e a revista do mesmo nome. Ademais, ativistas das organizações evangélicas ingressam no Partido Comunista Brasileiro ou na Ação Popular. Contudo, a repressão política do golpe militar de 1964 combinada às perseguições internas desarticula gradativamente as entidades cristãs mais atuantes. Shaull volta aos EUA, onde se dedicaria na renovação do ensino teológico em Princeton.

Durante seu período de formação no Seminário, Rubem foi bastante participativo. Além do cumprimento das atividades curriculares obrigatórias frequentemente se dispunha para realização de ações experimentais, nas quais fosse possível articular a reflexão teológica e compromisso social.

(...) no terceiro ano de seminário, aceitei, com outros colegas, o convite de Shaull para submeter algumas das suas ideias ao teste de experiência. Alguns deles foram enviados para trabalhar em fábricas. Por minha parte, fui enviado a trabalhar num bairro pobre de Campinas... foi o que fizemos. Em resposta ao nosso convite, o bairro se reuniu e estabeleceu as suas prioridades que, na época, era esgotos,

escola e clínica médica. (...) Conseguimos muito do que reivindicávamos. De repente, a congregação não era mais um corpo estranho no lugar, só interessada em converter católicos. Desde então a congregação passou a ser companheira de viagem.¹⁴

Rubem ainda esteve integrado ao Centro Acadêmico “Oito de Setembro” (CAOS) - o qual fora fundado em 1954, ano do seu ingresso na Faculdade de Teologia¹⁵. Esta agremiação, alguns anos depois, protagoniza a chamada “Crise no Seminário Presbiteriano de Campinas” a qual tem seu ápice com uma controvertida “Greve dos alunos do seminário de Campinas”¹⁶. A mobilização dos estudantes iniciou-se em razão de uma modificação no regulamento da festa de formatura. A entrega de diploma, que até então era feita em festa com a palavra de um paraninfo e do orador da turma passou a ser entregue em culto solene, sem que os alunos (especificamente, o orador) tivessem direito a proferir quaisquer tipos de discurso. As reiteradas reivindicações dos estudantes (entre 1958-1962) resultantes da não aceitação da decisão da diretoria do Seminário culminaram no cancelamento da matrícula de 39 alunos no final do ano letivo de 1962¹⁷.

Cabe aqui avivar o fato desencadeador desta mencionada crise. As atas das reuniões da cúpula do seminário mencionam que a decisão da diretoria em suspender o direito ao discurso público do orador da turma se dava em razão de um desconforto gerado aos líderes eclesiais pela predicação do orador oficial da turma de 1957, a saber, Rubem Azevedo Alves. Transcrevo abaixo o discurso proferido em 30 de novembro de 1957, ao receber o diploma número 257 de Bacharel em Teologia.

Dignos membros da mesa que preside esta solenidade;
Senhoras e senhores.

É muito perigoso contrariar-se a filosofia de vida de uma sociedade; coisa arriscada é não se adotarem os padrões de valores vigentes em uma época determinada. Foi graças ao seu desprezo para com a opinião da sociedade grega que Sócrates foi abrigado a beber o veneno que o retiraria do mundo dos viventes. Qual a acusação sobre ele lançada? O filósofo, diziam os seus delatores, não reverencia os deuses da cidade. O filósofo não reverencia os deuses da cidade. A sua não acomodação aos costumes públicos valeu-lhe a morte.

¹⁴ Entrevista citada por Nunes, A. Vidal, 2008, p.26.

¹⁵ Ata de fundação, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 26/05/1954. Disponível em anexo.

¹⁶ Estas expressões estão presentes em várias fontes documentais consultadas no Arquivo Presbiteriano, no período de Agosto e Outubro de 2012.

¹⁷ Livro XV, Folha 37 e verso 38. Mimeografada. Disponível em anexo.

Senhoras e senhores: - nós, os formandos deste ano, sentimo-nos em situação similar à do pensador helênico. Toda sociedade tem seus deuses. Basta que examinemos a sua filosofia de vida e veremos nas linhas mestras da mesma os objetos de sua adoração. Assim sendo, cabe-nos perfeitamente a mesma acusação feita ao filósofo: êstes, não adoram os deuses da cidade, ou, em outras palavras, o que êles se propôs a fazer, pregar e encarnar, é a negação daquilo que tem sido feito, pregado e encarnado pelos representantes lícitos de nossa sociedade atual. “Êstes não adoram os deuses da cidade”. Por isto mesmo, a nossa palavra última que vos dirigimos é palavra de desculpa. Não podemos fazer genuflexão diante da filosofia de vida que orienta o homem da segunda metade do século XX.

E isto porque é a filosofia que prega a adoração do prático em detrimento do verdadeiro. Isto significa, em outras palavras, que o homem moderno, encarando uma questão qualquer, não fará perguntas sobre a sua veracidade. Êste problema não o preocupa. Impressiona-o, sim, a questão da sua utilidade. A pergunta “É isto verdade”? Não mais é encontrada. Em seu lugar o homem inquire “É isto útil?” Um legítimo representante dêste pensamento disse-me certa vez: “O mérito das questões não me interessa. Interessa-me, sim, adaptar-me o melhor possível às situações de maneira que delas possa tirar o maior proveito possível”. O resultado disto é que não mais nos encontramos com pessoas genuínas. Apenas temos diante de nós o homem porque êste passa a viver em função do proveito que as situações lhe possam outorgar. O homem deixa de ter opiniões e princípios, para ter apenas capacidade de se adaptar à situação que o cerca. Se Cervantes vivesse em nossos dias nunca produziria êle uma obra como D. Quixote. D. Quixote é uma encarnação do homem que vive e morre por um ideal e para quem o problema do utilitarismo é irrelevante. “Eu sei quem sou” diz D. Quixote, isto é, tinha ideais e lutaria por êles. Qual é o direito, qual é o direito, perguntava a si mesmo D. Quixote. Qual é a vantagem, qual é a vantagem, pergunta-se a si mesmo o homem moderno.

Quando nos decidimos a seguir o pastorado tivemos de abdicar do direito de perguntar acêrca das vantagens. Quantas vêzes já temos deixado sem resposta a pergunta que insistentemente nos fazem: Qual a vantagem que você terá sendo pastor? A resposta tem que ser: nenhuma. E é por isto que nesta palavra final temos que pedir desculpas. A acusação que se nos é lançada é justa: êstes não adoram os deuses da cidade.

Há, por outro lado, adoração ao verbo TER, e o desprezo ao verbo SER. Há uma parábola que é a representação perfeita desta situação. A propriedade de um homem havia produzido em abundância. Diante de tanta fartura dizia confiante: Alma. TENS em depósito muitos bens. Era a idolatria do ter, idolatria esta que, hoje, como nunca, possui legiões de adeptos. O homem só se sente seguro quando pode dizer: Tenho. Aquele que muito possui é o vitorioso; aqueloutro que poucas posses tem é o fracassado. É o verbo TER critério de julgamento do valor de uma vida. O que o homem é, isto não é importante. O que interessa é se está êle relacionado com muitas pessoas. Daí, o que realmente vale não é a pessoa mas aquilo que ela possui.

Mas nós não possuímos o que temos. Nós só possuímos o que somos. Aquilo que temos nos pode ser arrebatado. Aquilo que somos, ninguém no-lo tira. Ao fazermos esta afirmação, da prioridade do SER sobre o TER, chamamos sobre nós a culpa de não adorarmos os deuses da cidade. Quantas vezes nos tem sido feita, entre um misto de incredulidade e espanto a pergunta: Porque não estuda você, após o término do seminário, algo que seja útil? Ou, traduzindo as intensões da pergunta, em conceitos claros: porque não se dedica a um ramo que lhe forneça dinheiro abundante para que você possa ter, possuir? Sem que você tenha, não poderá ocupar um lugar proeminente na sociedade nem projetar-se no campo da admiração pública. A esta pergunta nada podemos dizer. Porque aos adoradores do verbo ter, a prioridade só ser constitui sacrilégio imperdoável. Na verdade, êstes não adoram os deuses da cidade.

Mas acima de tudo, é a filosofia da adoração do Eu em detrimento de tudo o mais. O Eu sempre foi o tirano que domina o homem. O filósofo helênico já dizia: o homem é a medida de todas as coisas, isto é, todas as coisas devem ser avaliadas em função do Ego. O resultado desta filosofia egocêntrica é que êste mundo passa a ser um mundo impessoal, porque onde o centro de interesse é a nossa personalidade, as restantes pessoas são reduzidas a meros objetos. O Eu é a realidade central do universo e tudo existe para servi-lo. É o Deus em cuja honra sacrifica-se tudo. É por isto mesmo que o nosso mundo é um mundo secularizado, onde a religião tem chegado a ser quase um anacronismo. Religião significa que o homem vive em função de outro que não êle mesmo. Mas o homem moderno sente-se seguro de si mesmo, auto suficiente. E se êle ainda se curva ante as formas da religião vigente na sociedade é porque, como já vos disse, é um ser pragmático, que

não se interessa pela verdade, mas antes no proveito prático de que deriva as situações.

Não podemos nos curvar ante o Eu, deus da sociedade moderna. Aqui, mais uma vez, cabe-nos a acusação: Êstes não adoram os deuses da cidade.

Vamos nos dedicar à carreira eclesiástica. Isto significa que afirmamos o caráter dependente do Eu. A afirmação ilimitada do Eu não o estabelece, entes, desintegra-o. O homem só é realmente homem quando se integra no propósito supremo de Deus. Não o Deus impessoal, força cósmica, dos filósofos: antes o Deus pessoal que se encarnou em Jesus Cristo, Deus que se deu por nós. Dai, o princípio da interpretação do universo e da vida não é o ego, mas Deus. E se êsse Deus é o Deus que ama o homem e se sacrifica por êle, nunca jamais poderemos adorar o nosso Eu. Antes pelo contrário, somos compelidos a nos entregar uns pelos outros.

Por isso dissemo-vos que a nossa última palavra seria um pedido de desculpas. A acusação de que não adoramos os deuses da sociedade é justa.

Temos um consôlo entretanto. É que todos os homens que realmente contribuíram para o progresso intelectual, moral e espiritual do mundo foram homens que não se curvaram perante os deuses preconizados por suas épocas. E ainda que a memória de todos êstes desaparecesse, bastar-nos-ia a lembrança de um só. De um que tanto escandalizou a sua época que esta, não o suportando mais, o crucificou: Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Rubem de Azevedo Alves

Pouco antes de concluir o curso de teologia, celebrado neste discurso, Rubem Alves recebeu um convite para pastorear uma igreja em Lavras, sul das Minas Gerais. Comprometido com a organização popular e no interesse de exercitar uma eclesiologia renovada ele aceita ao chamado.

Ao entrar no templo vazio da Primeira Igreja Presbiteriana em Lavras, Rubem se encanta com os vitrais coloridos, com o órgão de tubos e com as possibilidades que aquela nova vida se apresentava. Sussurrou pra si “este é um bom lugar para passar toda a vida”. Os devaneios infantis efervescem:

Eu estava feliz. Amava aquela cidade desde meus tempos de menino. Era como se estivesse voltando à minha infância. Lá estava o sobradão do meu avô, com restos de senzala, portas e janelas com vidros coloridos importados, um jardim com camélias, cravos e jasmims-do-imperador. (...)

Em Lavras, eu estava retornando a um lugar onde fora feliz na minha infância. Eu estava tão feliz que imaginei que passaria ali o resto da minha vida. Eu seria pastor de uma igreja. (ALVES, 2009, p. 236)

Na Igreja evangélica, especialmente na Presbiteriana do Brasil, o pastor ocupa papel central. Além da dedicação contínua aos membros de sua igreja, ele é o principal responsável pelas pregações e condução dos sacramentos bem como é o encarregado das celebrações, sejam elas cerimônias de casamento, ofícios fúnebres, batizados ou cultos de formatura. Do ponto de vista administrativo, ele preside as assembleias da comunidade, responde juridicamente pela igreja e é o presidente do Conselho. Exatamente por este motivo, os pastores são considerados responsáveis, por aquilo que é ensinado nas igrejas locais e, em consequência, pelos caminhos trilhados por elas.

Todavia, Rubem estava mais encantado com a imagem poética do Pastor. Na literatura bíblica, a imagem pastoral é mansa e forte. Ela é responsável por dissipar todas as imagens de terror. É preciso um pastor para que as ovelhas vivam. Sozinhas, as ovelhas estariam condenadas, perdidas, fragilizadas¹⁸.

Ovelhas são animais mansos, sem garras ou chifres, incapazes de se defender. Morrem mansamente nos dentes dos lobos. E dizem que nem mesmo balem. Morrem silenciosamente. Essa é a razão por que é preciso que haja pastores que as protejam. O pastor traz na mão o cajado, arma para a defesa do seu rebanho. E quando tudo está tranquilo, as ovelhas pastando, os lobos mantidos à distância pelo pastor, ele pode se dedicar a tocar a sua flauta.¹⁹

Em Lavras, Rubem permanece por quatro anos²⁰. Primeiro como pastor auxiliar²¹ e posteriormente assume a titularidade da igreja. Durante esse período ele convive com as pessoas mais pobres da região, passa a experienciar as dores e as alegrias

¹⁸ Em uma de nossas conversas, na qual falávamos sobre a atividade pastoral, Rubem interrompe o assunto e me pergunta: “Você conhece *mansamente pastam as ovelhas* de Bach?”. Depois de longo silêncio, no qual parecíamos ouvir o som dentro de nós, ele ponderou: “O coral repete monotonamente um tema sobre o qual se apoia uma melodia. Mais que a melodia, o que me comove é o tema monótono. A monotonia diz que tudo está em paz. A monotonia era tranquilizante.”.

¹⁹ Crônica *Mansamente pastam as ovelhas*, publicado na Folha de São Paulo 12 de setembro de 2001.

²⁰ Nos documentos da IPB, menciona-se o período de 58-64. Cabe salientar que aí está incluído o período de licenciamento para estudos de pós-graduação.

²¹ O pastor titular era Francisco Penha Alves, o qual no ano seguinte fora convidado para lecionar no SPS em Campinas/SP.

dos outros. Torna-se uma referência em auxílios emergenciais nas redondezas. Casos de morte ou doenças graves eram atendidos pelo pastor e sua kombi. Vários episódios, inclusive enterro solitário de indigente na chuva ou sepultamento de apenas uma “perna” foram relatados no seu livro *O sapo que queria ser príncipe*.

No início de 1959, Rubem se casa com Lídia, em Lavras. E, nesta cidade, no final deste mesmo ano nasceria seu primeiro filho, Sérgio. Logo após, três anos depois, nasce Marcos. E, mais tardiamente, em 1975, sua terceira filha nasce e ele a chama de Raquel.

Rubem Alves se notabilizara como um “excelente pregador”²². Era particularmente eloquente no trato com a língua portuguesa. Regis de Moraes – na época um frequentador dos cultos – lembra-se com carinho: “eu sempre gostei muito de filosofia, de literatura, de língua português, de idiomas, e eu achava fantástica a precisão da correção com q ele falava na 2ª pessoa do plural, não era muito comum na época”²³.

A atividade pastoral em uma igreja pobre pode ser recompensadora no nível de satisfação pessoal, no entanto, não o deixa incólume às agruras financeiras de um jovem casado e com filhos. Pessoas que se tornavam mais próximas, como Regis de Moraes, presenciavam a luta de Rubem com as dificuldades do pastorado.

Ele passava assim as vezes momentos nada agradáveis porque os pastores eram mal remunerados e tinham dificuldades. Embora ele morasse numa casa muito boa que era dada pela igreja ele, um dia, eu não vou me esquecer disso, eu cheguei na casa dele para uma visita assim, uma visitinha cordial, e ele estava procurando garrafas para vender para levar um filho ao médico. Aquilo me pegou, me calou fundo..., aquilo sabe..., não é possível um sujeito brilhante passar por isso²⁴.

Merece ser destacada uma ação assistencial da IPB em Lavras. O pastor Rubem Alves e um presbítero da sua igreja chamado Eduardo King Carr – este também era, a época, um dos conselheiros do Instituto Gammon – por meio de um convênio, conseguiram centenas de latas de leite em pó e as distribuíram na periferia de Lavras entre famílias com crianças subnutridas. Esta atividade tem papel importante na mudança catastrófica que viria a vida de Rubem. Explico.

O receio de uma nação comunista e atea amedrontava os protestantes. Os movimentos fundamentalistas – oportuno instrumento ideológico norte-americano para conter o socialismo – cooperavam para o aumento deste temor. O financiamento desta

²² Ouvi esta expressão de diferentes pessoas as quais estiveram presentes em algum dos seus sermões. Afirmativa que vinha acompanhada de descrições elogiosas da experiência auditiva.

²³ Conversa com Regis de Moraes, em seu apartamento no centro de Campinas, no dia 19/01/2011.

²⁴ Entrevista concedida ao autor do artigo. Consultar SILVA, Anaxsuell F., 2014, p. 81.

política do medo compunha uma estratégia iniciada no final do século XIX, com objetivo de aplacar os focos de revolta na América Latina.

Ao menos de maneira oficial, a Igreja, do ponto de vista político, apresentava-se como neutra. O engajamento político de certos líderes (tais como Shaull, Jovelino Araújo, João Dias Araújo e o jovem Rubem Alves) era causa de problemas. No período pré-golpe a IPB estava dividida. Um lado, majoritário, constituído de conservadores vigorosamente abalizados pelo fundamentalismo norte-americano; do outro, um grupo defensor do engajamento sociopolítico e apoiadores de uma teologia aberta, heterodoxa e ecumênica. O primeiro grupo, apostava na ortodoxia doutrinária como antídoto ao “perigo vermelho”. O cenário revolucionário, tão temido pelos líderes conservadores, já fora anunciado por Shaull:

Se a revolução é nosso destino, somos desafiados a encontrar novas categorias de pensamento a respeito dos problemas sociais e políticos e a respeito de uma nova perspectiva de relação entre o estável e a mudança. Somos confrontados pela necessidade de desenvolver comunidades de pensamento e ação, em ambos os lados da luta revolucionária, os quais deverão preocupar-se em encontrar soluções para as obras em meio as tensões e conflitos. (SCHAULL, 1985, p.70)

O principal órgão da imprensa presbiteriana²⁵ evidenciava esta cisão institucional interna. O editor do jornal Domicio Pereira de Mattos, com habilidade, mostrava o embate das perspectivas por meio de uma secção do jornal. Ganhou notoriedade, um artigo do pastor Rubem Alves no qual manifesta a injustiça ao qual o campesino brasileiro estava sujeito,

Alguma coisa do conflito justiça e injustiça, entre amor e ódio, entre Deus e o Diabo está acontecendo nessa pessoa humilde e apagada do jeca-tatu. Temos de lutar por ele (...) só uma coisa sabemos, enquanto não tomamos a sério os gemidos dos que sofrem, enquanto não tomamos consciência dos estômagos vazios e não sentimos que o problema é bem nosso, porque também é de Deus, não haverá solução alguma possível.²⁶

²⁵ Aqui, refiro-me ao jornal *O Brasil Presbiteriano*.

²⁶ *O Brasil Presbiteriano*, Janeiro de 1964, p. 2.

Neste período, Rubem estendia sua atividade pastoral às salas de aula. E, atuava como professor de Filosofia e Estudos Sociais no Instituto Gammon²⁷. Lá ele lecionou entre 1961 e 1963. Atividade interrompida diante da oportunidade que se apresentara: realizar estudos de atualização nos Estados Unidos, especificamente no *Union Theological Seminary* em New York.

O Union Theological Seminary foi fundado por James Mccord, amigo muito admirado por Alves, não tanto pela sua inteligência teológica, mas pelo seu comportamento de estadista. Ele acreditava que grande parte das dificuldades existentes entre os cristãos era decorrência da falta de conhecimento entre ambos. Estabeleceu, então, um programa de formação e aproximação entre os cristãos. Durante um ano, cristãos do mundo todo ficavam nos Estados Unidos reunidos e convivendo num mesmo lugar. (NUNES, 2008, p. 31)

Rubem Alves foi estudar com o apoio deste programa, o *Program of Advanced Religious Studies* (PARS). Licenciou-se das suas atividades pastorais e trocou a sua casa – na Rua Misseno de Paiva, 247, Lavras – pela possibilidade de refletir e avaliar sua prática pastoral vinculou-se a área de ética. Durante este período dividiu um mesmo apartamento com um japonês, um indiano e um ganês. Era, segundo o próprio Rubem, “centro mundial do protestantismo liberal”, “Fina flor do pensamento protestante”. Depois deste primeiro ano, Rubem decidiu aproveitar o tempo investido e cursou o mestrado na mesma instituição teológica.

Era o centro mundial do protestantismo liberal. Protestantismo liberal é o protestantismo sem dogmas ou certezas, que respeita a razão. Ali se encontravam os luminasres da *intelligentsia* protestante e também os católicos eram bem vindos. Não havia diferenças entre protestantes, católicos e ortodoxos. Ninguém possuía a verdade. Só havia uma busca comum. Lá estavam Paul Tillich, Reinhold Niebuhr, Paul Lehmann. Pensei até que o UTS poderia ter adotado como seu moto a frase que Kant colocou no seu manifesto *O que é iluminismo?*: “ouse saber!”. Sendo uma instituição livre, sem ligações com grupos confessionais, não havia guardas do pensamento, nenhuma ortodoxia a ser respeitada. O coração do seminário era a ética, em especial a ética social e política.

²⁷ Instituto Educacional Presbiteriano instalado na cidade de Lavras. Conforme assinalado no capítulo anterior, Rubem estudara nesta instituição.

Um dos maiores desafios deste período, para Rubem, fora deixar sua mulher e seus dois filhos e ir morar com a saudade. Foram tempos emocionalmente difíceis, “arrumei minhas malas várias vezes para voltar, convencido de que nenhum grau acadêmico valia a dor da separação” (ALVES, 1987, p. 30). Para superar o sofrimento, Rubem fez um calendário regressivo com o número de dias faltantes para seu retorno ao Brasil. Ao amanhecer, um dos seus primeiros “exercícios espirituais” era riscar mais um dia do anuário.

O Brasil vivenciava anos de fervilhamento político-social. Mesmo distante, Rubem Alves acompanha através dos amigos os acontecimentos em solo brasileiro. Contribuía, inclusive, com o *Jornal Brasil Presbiteriano* – enquanto este ainda se encontrava sob a editoria de Domício Pereira de Mattos. Após dois anos de muito trabalho a dissertação de mestrado é concluída – “a saudade me fez trabalhar muito. Trabalhava para esquecer a saudade”²⁸.

A theological interpretation of the Meaning of the Revolution in Brazil. Este foi o nome da dissertação na qual convergia o esforço dos outros dois anos de trabalho. Ela fora defendida no início de 1964. Este texto analisa as condições objetivas e concretas da revolução no Brasil; incluindo a necessidade evangélica de inserir os cristãos no processo histórico.

Rubem Alves empenhou-se em estudar meticulosamente a miséria social brasileira e suas causas. Apontava que a situação de dominação vivida pelo país fez com que estivéssemos, constantemente, dedicados em atender os interesses alheios. Enquanto povo, éramos objeto de toda sorte de exploração econômica, política e cultural. Nesta análise, o jovem teólogo mineiro chama atenção para o processo de desumanização presente no referido contexto de dominação. Asseverava que enquanto grande parte da população vive na miséria e em condições subumanas, os recursos naturais lhe são espoliados. E, mais que isso, destes também são roubados os direitos a uma vida digna e justa e a capacidade de sonhar um futuro melhor para si e para seu povo.

O trabalho também discutia o papel do Estado, o qual não teria sentido em si mesmo. Sua função seria garantir a todos o acesso àquilo que lhes é necessário. Quanto isso não ocorre o “Estado desvia do seu sentido e não contribui para o processo de humanização, correndo o risco de tornar-se ídolo, como um fim em si mesmo” (NUNES, 2007, p. 28). Tal cenário exigia denúncia. Aqui, Rubem Alves, incorpora a contribuição da crítica marxista ao Estado e pondera que quando este se corrompe, torna-se instrumento de dominação e exploração da classe oprimida (ALVES, 2004, p. 83).

Na leitura do jovem teólogo, era isto que ocorria com a sociedade brasileira. Por isso, uma revolução encontrava-se em marcha, com oportunidade de formação de um novo Estado. Nesse processo, a participação dos cristãos era imprescindível. Mas, o autor

²⁸ Rubem Alves, numa conversa em 2012.

entendia que não se tratava de qualquer coisa amena. E, por isso, conclui sua dissertação com as seguintes palavras:

A relação entre igreja e igreja não é simples: é dialética. A revolução julga a igreja e liberta-a da idolatria. A igreja julga a revolução e liberta-a da sua idolatria. Isto quer dizer que a igreja deve ouvir a voz de Deus, que a julga através da revolução. Só quando esta voz é ouvida, pode a renovação da igreja começar. E esta renovação expressa-se, por um lado, no sim da igreja à revolução, conduzindo-a à realização dos seus objetivos de humanização e, por outro lado, no não da igreja à revolução, à distorção idolátrica de seu propósito. Só nesta dialética pode a humanização, como expressa na vida de Jesus Cristo, encontrar seu caminho na presente situação histórica do Brasil. (ALVES, 2004, p. 102)

Enquanto Rubem Alves se preparava para regressar ao Brasil, a crise social e política do governo João Goulart era adensada por diversos movimentos contestatórios, inclusive, por motins no interior das forças armadas, a exemplo do motim de suboficiais da Aeronáutica e da Marinha que eclodira em Brasília, no final de 1963, exigindo direito de voto e melhores condições na tropa. Com força o governo tentara contornar a situação “através da decretação do Estado do Sítio, esvaziada pelos ministros militares, deixando a nu a falta de apoio ao presidente” (SILVA, 1990, p. 321). Um golpe, tramado desde 1961 pelos militares, teria um desfecho súbito e suporte institucional de políticos civis tais quais: o Governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto (UDN); Ademar de Barros, Governador de São Paulo (PSP); Carlos Lacerda, Governador da Guanabara (UDN). O receio de “um banho de sangue”, fez com que o Presidente Goulart não reagisse, e seu cargo foi declarado vago pelo Congresso Nacional. Era março de 1964, o início de um longo regime militar discricionário e repressor das liberdades democráticas.

Rubem voltava para seu alojamento, saía para comprar presentes para seus filhos. Era seu último dia em New York. Cansado e sonolento, toma assento no metrô que o levaria até a Rua 119. Diante dele, um homem com semblante absorto lia seu jornal. Ao ver a manchete da primeira folha o medo passa a percorrer seu corpo, “fiquei instantaneamente congelado”. Era primeiro de abril de 1964, a manchete do New York Times era *Military Region in Brazil rebels against Goulart*.



MILITARY REGION IN BRAZIL REBELS AGAINST GOULART

General Proclaims City 80
Miles North of Rio to Be
"Revolutionary Capital"

REGIME SENDING TROOPS

Loyal Force Dispatched to
Insurgent Town—Union
Strikes 2 Railroads

Special to The New York Times

RIO DE JANEIRO, Wednesday,
April 1—An Army revolt
against President João Goulart's

Imagem: Capa New York Times. Fonte: Itagyba, 2013.

Nos dias seguintes²⁹, o principal jornal de New York City ratificava ao acontecimento com matérias ou artigos, cada vez, mais assustadores:

NYT, 02/04/1964 – *Washington Sympathetic to Brazilian rebel cause;*

NYT, 02/04/1964 (artigo) – *Washington sends 'warmest' wishes to Brazil's leader*

NYT, 03/04/1964 – *Leaders of coup press for purge of Brazil's reds*

Sua pátria se transformara em terra invadida por “gigantes verdes, dragões amarelos”³⁰. Naquela noite, a dúvida foi sua companhia. Seria possível regressar ao Brasil? Rubem sabia que a este movimento seguir-se-ia delações e prisões. Não era possível comunicar-se com sua família e com os amigos. Cartas e telegramas eram confissões de crimes. O seu “pensamento enlouquecia na solidão do quarto, dando voltas sobre si mesmo, amarrado e impotente. O medo e o ódio se transformavam em diarreia, olhos arregalados pelas noites, náuseas, claustrofobia” (ALVES, 1987, p. 30).

²⁹ O levantamento das notícias, assim como a análise das mesmas foi produto de pesquisa de mestrado de Renata Ytagiba, intitulada *O Brasil ditatorial nas páginas do New York Times* (1964 – 1985). ECA/USP, 2013. Aqui, interessou-nos apenas os primeiros dias depois do golpe.

³⁰ Sobre gigantes verdes e dragões amarelos cabe a leitura do *Flautista Mágico*, livro infantil de Rubem Alves.

O sofrimento e as somatizações não era fortuitas. Rubem sabia que, na perspectiva da maioria dos seus irmãos protestantes, o golpe militar de 1964 seria interpretado como uma intervenção política em defesa da democracia e da nação. Ou seja, um benefício ao País o qual estava sob ameaça em sua ordem democrática. De fato, os líderes protestantes legitimavam o golpe e o regime militar. Por exemplo, apenas doze dias após a eclosão da quartelada, os batistas publicavam nas páginas do seu veículo oficial de informação, o *Jornal Batista*:

Os acontecimentos militares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do Presidente da República vieram, inegavelmente, desafogar a nação [...]. O presidente que vinha fazendo um jogo extremamente perigoso foi afastado. A democracia já não está mais ameaçada. A vontade do povo foi entendida e respeitada.... o povo brasileiro por sua índole, pela sua formação, repele os regimes totalitários e muito particularmente o regime comunista.³¹

O golpe militar em questão exacerba a repressão. Não apenas pela subserviência costumeira do protestantismo aos governantes, mas, também, e sobretudo, pelas relações e vínculos entre alguns protestantes e o regime instaurado. João Dias Araújo indicou

A Igreja Presbiteriana foi a mais envolvida e a mais comprometida com a revolução de 1964 por causa das ligações dessa Igreja com a classe média e por causa do prestígio político que ela gozava nos meios políticos e militares. (ARAÚJO, 1985, p.63)

Vários protestantes ocupariam cargos durante a ditadura militar. Aqui, cabe destacar alguns líderes da mesma denominação a qual Rubem estava vinculado. Nehemias Gueiros, presbiteriano de Pernambuco, entraria para a história como redator do Ato Institucional nº 2 – aquele que extinguiu os partidos existentes, atribuindo à Justiça Militar o julgamento de civis acusados de crimes contra a segurança nacional e conferindo ao presidente da república poderes para cassar mandatos eletivos e suspender direitos políticos. Outro presbiteriano, Jeremias Fortes, seria designado por Castelo Branco e eleito em pleito indireto para governador do Estado do Rio (RAMOS, 1968, p. 75). No governo Médici, o ministro Eraldo Gueiros ocupou o cargo de governador de Pernambuco.

Para os protestantes brasileiros, herdeiros de uma teologia conservadora voltada para a ética individual, a jornada anticomunista patrocinada pelos militares era um grande

³¹ “Responsabilidade dos crentes nesta hora”. *Jornal Batista*, p. 3, 12 abr. 1964.

atrativo. A simpatia de Jango com setores esquerdistas aterrorizava setores médios da sociedade e gerava apreensão entre os religiosos. Ademais, o golpe militar era visto como “uma resposta de oração”:

Meses antes da eclosão do 31 de março de 1964, líderes do Movimento de Renovação, preocupados com a situação nacional, e com a indefinição dos nossos rumos políticos, convocaram as igrejas para celebrarem um “dia nacional de jejum e oração” pela Pátria. Meses depois o Presidente João Goulart era deposto. A crença generalizada entre os protestantes (não apenas entre os pentecostais e renovados) era de que o movimento de 31 de março fora “resposta de Deus às orações de Seu Povo”. Isso concorreu para dar um caráter um tanto “sagrado” ao novo regime, incluindo-se a perda de capacidade crítica, de prática profética, diante dos desvios que se seguiram. (CAVALCANTI, 1988, p. 188)

O plexo entre protestantes e regimes ia além da troca de favores e cessão de cargos públicos. Vários pastores atuavam diretamente como agentes da Polícia Federal (CAMPOS, 2002) e de outros órgãos repressores, sem deixar de mencionar o serviço de delação prestado por vários irmãos às autoridades militares, acusando seus próprios irmãos de subversivos. Rubem sabia que estava sob risco, se a decisão era voltar para os seus. Era preciso uma logística de viagem não convencional.

Com receio de ser imediatamente preso ao desembarcar no aeroporto internacional do Rio de Janeiro, Rubem opta por fazer uma rota incomum possibilitando que ele chegasse direto em Campinas/SP – onde estavam seus filhos e sua mulher, que durante este período deixara a enorme casa em Lavras para ficar com seus sogros. Ao desembarcar, uma surpresa. O agente responsável pela conferência dos passaportes tinha consigo uma lista de nomes para consulta e comparação. Enquanto isso, “ali ficava eu, pendurado sobre o abismo, fingindo tranquilidade (qualquer emoção pode denunciar), até que o passaporte me era devolvido” (ALVES, 2012, p. 36).

No caminho entre o aeroporto e a casa da sua família, as primeiras informações: “Olha, Rubem, foi enviado ao Supremo Concílio um documento de acusações a seis pastores, e você é um deles. E circula também o boato que você foi denunciado à ID-4” (ALVES, 2012, p. 36). ID-4 era a nomenclatura da 4ª Infantaria Divisionária, com sede em Juiz de Fora/MG.

As obrigações pastorais não o permitia estar muito tempo com os familiares, alguns dias depois era preciso voltar à paróquia da qual era pastor. E, no caminho para Lavras, a viagem seria interrompida pelos militares que controlavam a Fernão Dias³². Estes, paulatinamente, averiguavam cada pessoa e seus respectivos documentos e

³² Fernão Dias foi um bandeirante paulista, mas aqui a referência é a importante rodovia que liga o estado de São Paulo às Minas Gerais..

bagagens sob a luz de uma lanterna. Como explicar os livros nas caixas? Como o quartel já estava com muitos presos, Rubem foi liberado sob a promessa de uma futura prisão. Vencida mais esta etapa, seria preciso dedicar uma noite inteira na separação e incineração dos títulos que pudessem trazer risco imediato à liberdade.

A minha vida estava um inferno. Dormia, fugia, escondia. A quantidade de livro que eu tive de queimar você não imagina. Encher sacos de lixo e jogar dentro do rio. Você pode imaginar a humilhação? E não dava pra queimar tudo. Se começasse a queimar despertava suspeita. Fui com o porta-malas do carro cheio de livros até a ponte...

Lembro que um deles foi *Communism and the Theologians*, de Charles West, coisa perfeitamente inocente. Mas a capa era vermelha, e havia foice e martelo. Lá se foi ele, consumido pelas chamas – e em tudo o sentimento de um grande absurdo e pesadelo. (ALVES, 1987, p. 30)

Ao solicitar a cópia das acusações contra si junto a autoridade eclesiástica competente, o representante da Comissão Executiva do Supremo Concílio informou a Rubem que ele não poderia esclarecer as acusações que pensavam sobre os seis pastores presbiterianos subversivos – eram eles: Jovelino Ramos, Nilo Rédua, Cyro Cormack, João Dias de Araújo e Lemuel Nascimento. Pouco depois, a cópia seria obtida de maneira não convencional por um amigo.

Ali estavam mais de 40 acusações. Entre elas, a acusação de que os referidos pastores pregavam “que Jesus tinha relações sexuais com uma prostituta” ou que estes jubilavam quando seus filhos “escreviam frases de ódio contra os americanos nas latas de leite em pó por eles doadas” (NUNES, 2008, p. 34), outra acusação – de que os mesmos pastores eram subvencionados com recursos oriundos da União Soviética. Diante de tais denúncias, Rubem buscou proteção junto aos seus líderes imediatos da igreja, primeiramente em Minas e depois em Campinas, mas em ambos os casos não obteve sucesso.

O que mais me doeu foi que uma das peças básicas da denúncia era um documento da direção do Instituto Gammon, escola protestante que funcionava em uma chácara que pertencera ao meu bisavô e que vendera aos missionários que fugiam da epidemia de febre amarela em Campinas, no fim do século passado. As acusações eram frontais. Sugestões: nada temos a ver com este senhor. (ALVES, 2002, p. 18)

Obviamente, o documento com as denúncias não tardaria a chegar nas mãos dos militares. E, para sua surpresa, a delação viria de alguém muito próximo. Voltemos

alguns anos em nossa história, quando a atividade pastoral de Rubem incluía ações assistenciais e, entre elas, a distribuição de latas de leites para crianças subnutridas da periferia de Lavras. No entanto, para compreender este ponto, ampliemos o nosso foco, para assimilar a conjuntura mundial.

Como parte dos esforços estadunidenses de repressão às forças sociais avessas aos interesses do governo dos Estados Unidos – fossem elas de ímpeto comunista, esquerdista ou nacionalista – elaborou-se um programa chamado *Aliança para o progresso*. Embora este se apresentasse de maneira mais complexa, como veremos adiante, este projeto efetivamente era um programa de assistência econômica com interesses intervencionistas.

Tão logo assumira a presidência, Jonh Kennedy dirigiu a ênfase de sua política externa à América Latina, e de modo particular ao Brasil. A prioridade dada ao Brasil devia-se motivos de cunho geopolítico. Considerando sua dimensão continental, sua posição estratégica contando com fronteira com quase todos os países sul-americanos, e sua população de mais de 70 milhões de habitantes em 1960. Qualquer evento que acontecesse no Brasil teria indubitavelmente desdobramentos no resto da América do Sul.

Para exemplificar, em um telegrama emitido à embaixada dos Estados Unidos da América no Brasil, o Departamento de Estado aconselhava acerca da “importância vital do papel brasileiro nos correntes problemas hemisféricos”, aqui temos uma referência eufemística à situação em Cuba. E argumentava em favor da “necessidade urgente de estabelecermos entendimentos efetivos e produtivos com [Jânio] Quadros o mais breve possível”³³.

Por estes motivos, o Brasil seria o país que mais receberia recursos da *Aliança para o Progresso* durante a década de 1960 na América Latina. Depois da Revolução Cubana em 1959, os Estados Unidos temiam que o continente latino-americano fosse palco de revoluções semelhantes as quais poderiam criar “novas Cubas”. Neste contexto, o congresso americano aprova “Lei do Alimento para a Paz”, no qual financia a doação de alimentos para o Brasil – notadamente, latas de leite em pó. As péssimas condições socioeconômicas da América Latina eram consideradas então, do ponto de vista do governo estadunidense, um campo fértil para a disseminação da “ameaça” comunista no continente.

O programa do leite em pó tornou-se, após a sua implantação, a face da Aliança mais conhecida em muitos lugares (...) Voltado primordialmente para a merenda

³³ Establishing Relations with New Brazilian Administration. Kennedy Library, National Security Files, Countries Series, Brazil. Washington, D.C., February 1, 1961. IN: U.S. DEPARTMENT OF STATE. FRUS, 1961-1963. Vol. XII, American Republics, 1961-1963. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1996. p. 423-424. *Apud* Pereira, 2007.

escolar, veio a ser um programa de grande penetração e visibilidade. (RIBEIRO, 2006, p.90)

Os irmãos protestantes brasileiros escoavam as roupas e alimentos recebidos pelos beneméritos irmãos americanos, em troca oferecia-lhes lealdade. Neste caso, dever-se-ia combater eventuais focos revolucionários. É aí que entra Rubem Alves. O presbítero da sua igreja Eduardo King Carr – também membro dos conselhos do Instituto Gammon – o entregou valendo-se desta dupla atuação (igreja e escola) e de sua proximidade com o pastor o qual considerava uma ameaça comunista.

O jornal do qual Rubem era colaborador, mudou sua política editorial. Se antes publicava-se opiniões diversificadas, agora o alinhamento às forças armadas era explícito. Abria-se oficialmente a temporada de caça aos líderes “contaminados pelo comunismo”. O recado, através do órgão oficial de comunicação da Igreja Presbiteriana do Brasil, era dado no mês seguinte ao golpe:

Todos os verdadeiros cristãos se regozijaram e estão se regozijando, com os resultados da gloriosa revolução de março-abril: o expurgo dos comunistas e dos simpatizantes (...) a raiz da erva daninha porém será difícil de ser extirpada. Em todos os setores está infiltrada, inclusive nas Igrejas, tanto na católica romana, como infelizmente nas evangélicas. Pastores, seminaristas, crentes, não podem abraçar a ideologia vermelha e permanecer no seio da igreja. Se querem ser comunistas, que o sejam, mas renunciem à jurisdição da Igreja e não contaminem o rebanho. Uma coisa ou outra. Ou Cristo ou Belial. É preciso o expurgo!³⁴

Numa tarde de desalento, Rubem Alves recebe uma ligação de um amigo: Silvio Mencucci³⁵. Ele propunha um encontro no *Hotel Central*, lá estaria um advogado com documentos que eram do seu interesse. O dossiê, que lhe seria apresentado, tinha como uma de suas peças básicas um documento da direção do Instituto Gammon. A sugestão dos seus amigos próximos era que ele abandonasse imediatamente a cidade de Lavras e, também, o Brasil.

Em meio aos sofrimentos da dupla perseguição, impetrada, simultaneamente, pela denominação religiosa a qual estava vinculado e pelo regime militar, Rubem recebe um para fazer doutorado nos Estados Unidos, em New Jersey. Estudaria no *Princeton Theological Seminary*, com financiamento da *United Presbyterian Church – USA*. Provavelmente esta foi “a forma que os amigos de outro país encontraram para tirá-lo do

³⁴ *Brasil Presbiteriano*, maio de 1964, p. 7

³⁵ Além de médico, Silvio Menicucci fora vereador, prefeito e era recém eleito Deputado Estadual de Minas Gerais (1963-1969) pelo MDB.

sufoco e salvá-lo das perseguições. Não poderia deixar de aceitar esta proposta, não havia alternativa, não poderia perder tempo” (NUNES, 2008, p. 34).

Como a denúncia aos militares fora feita em Minas Gerais, o risco de ser pego seria menor caso partisse de um aeroporto fora daquele Estado. Deste modo, Rubem e sua família embarcam no Aeroporto Internacional de Viracopos. Na cidade de Campinas/SP.

Houve um momento de muito medo. Tinha uma cabine, pequena, onde as pessoas entregavam seus passaportes. Não era possível ver quem estava lá dentro. A possibilidade de ser preso ali era grande. Quando devolveram meu passaporte, respirei aliviado. E, quando o avião decolou... não esqueço nunca do momento preciso da decolagem deste voo. Respirei fundo e sorri numa deliciosa sensação de liberdade. (SILVA, 2014, p. 97)

Em Princeton ficaria por quatro anos, num “exílio acadêmico forçado” (CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 103). Dedicando-se a pesquisa e monitorando seminários a convite de alguns professores da Universidade. Lá ele encontrara seu antigo mestre, Richard Shaull. Seu projeto era criar um novo projeto político e ético para a experiência de fé. Seus estudos o conduziria a percepção da importância da linguagem na experiência humana, este conceito seria nodal em sua reflexão.

A tese, produto destes anos de pesquisa e reflexão, foi intitulada de *Towards a Theology of Liberation*. Nela, após discorrer de maneira erudita a respeito do sentido da “liberdade”, Rubem Alves argumenta em favor da entrada definitiva da teologia no âmbito humano, ético e político. Preterindo assim a linguagem metafísica e as metanarrativas religiosas. Sua tentativa era engendrar uma **nova linguagem de fé**, a qual fosse expressão de sua condição histórica.

A teologia da libertação não pode contentar-se com um transcendente para além do mundo, para além da vida. O Evangelho, não é ele as boas-novas da encarnação? A vida de Cristo, não é ela o testemunho da solidariedade de Deus com os homens? Não se trata de uma redução sociológica da fé. O que se afirma é que a transcendência se revela de forma concreta, tanto nos gemidos pela liberdade como na luta contra tudo aquilo que oprime o homem. (ALVES, 1984, p. 16)

Esta nova linguagem que se colocara em confronto com a linguagem teológica não foi bem recebida pela banca examinadora. Esta sugeriu que sua tese fosse totalmente reformulada, ponderando que sua eclesiologia perdera espaço para uma meditação sobre a possibilidade de Libertação. Diante da recusa do doutorando, ela foi aprovada com a

menor nota possível. No ano seguinte, a tese foi revista e publicada nos Estados Unidos pela editora católica *Corpus Books*. O prefaciador foi Harvey Cox, à época um dos mais respeitados intelectuais norte-americanos. Com incomum entusiasmo, ele escreveu:

Prestem atenção vocês, ideólogos e teóricos do mundo rico, dito desenvolvido. O “Terceiro Mundo”, de pobreza, fome e impotência impostas – e crescente indignação, encontrou uma voz teológica que se ouve como sino. Rubem Alves, um protestante brasileiro, e um brilhante e cortante intelectual latino-americano, fala com uma autoridade que não pode ser ignorada. Alves acrescentou aos nossos esforços de fazer uma teologia da revolução algo que talvez somente um latino-americano poderia: uma generosa porção de pura felicidade. A sua teologia revolucionária é escrita para ser tocada e não somente vivace, mas com brio. Alves não se satisfaz em simplesmente falar sobre a esperança humana. Ele a acende e alimenta.³⁶

Entretanto, antes do lançamento, o editor tinha uma única ressalva. Considerava o nome do livro “esquisito”. A expressão “libertação” não possuía respeitabilidade teológica e, por isso, não entraria no debate intelectual do momento. O que estava em evidência era a *Teologia da Esperança* de Jürgen Moltmann, assim como o livro *O princípio da Esperança* do filósofo Ernst Bloch. Deste modo, a sugestão era que a tese, transformada em livro, se chamasse *A Theology of Human Hope*. Acerca deste episódio, Rubem comentou: “É sempre mais fácil pegar um trem que está correndo que fazer um outro novo, a partir do nada” (ALVES, 1987. p. 41).

A Theology of Human Hope e *Tomorrow's Child* tem sua primeira edição nos Estados Unidos. Sua tese, ainda seria traduzida para o francês, espanhol e italiano. A versão em língua portuguesa, no entanto, só seria publicada muito tardiamente, depois de reconhecimento no exterior.³⁷

Rubem retorna ao Brasil, em 1969, e encontra uma Igreja Presbiteriana ainda mais reacionária que antes. O grupo conservador tivera, três anos antes, sua vitória definitiva. Elegera Boanerges Ribeiro presidente do Supremo Concílio e, como segundo homem forte da igreja, um coronel Renato Guimarães. Ambos dirigiriam com “mãos de ferro” os destinos da presbiteriana no Brasil. Inauguraram um período que ficaria conhecido como “A inquisição sem fogueiras”, o qual expurgava arbitrariamente

³⁶ Cf. ALVES, R. *Da esperança*. Orelhas do livro.

³⁷ *Da esperança* foi publicado em 1987 com um novo prefácio *Sobre Deuses e Caquis*, no qual Rubem reavalia sua produção. No ano seguinte, em 1988, a revista de Comunicações do ISER publicou um número (7, 32) em sua homenagem intitulado “Sobre Deuses e caquis. Teologia, política e poesia de Rubem Alves”, desta produção participaram 11 colaboradores.

pastores, seminaristas, membros “modernistas” e, inclusive, fechou o seminário da denominação em Vitória/ES.

Enquanto isso, seu livro fazia sucesso nos Estados Unidos. A Revista TIME³⁸ publicou uma matéria intitulada *The New Ministry: bringing god back to life*, e uma outra logo em seguida, *Changing Theologies for Changing World*. Nestas Rubem Alves era listado entre os mais importantes teólogos da época.

O cenário inóspito, as pressões internas e a postura reacionária dos seus líderes obrigou Rubem a submeter uma carta de demissão ao Presbitério Oeste de Minas. Não era possível defender uma instituição que o negara. Eis a carta:

Sempre entendi que o evangelho é um chamado à liberdade. Foi através de um evento libertador, o êxodo, que a comunidade de fé chegou a conhecer o seu Deus. E a bíblia toda é uma história de luta de Deus que quer que os homens sejam livres, contra os próprios homens que preferem a domesticação, a escravidão e a idolatria. Culmina esta história com o advento do Senhor Jesus que é, a um só tempo, o homem livre e o Deus que liberta. Fé, portanto, é liberdade. É abertura do futuro. É a confiança de “deixar para trás as coisas que já ficaram para trás, para lançar-se com Abraão para um futuro novo. Por isso fé é vida. O ato de viver é um permanente transferir-se do presente para o futuro imediato. Morte, ao contrário, é a vitória do passado. É fixar-se naquilo que já foi. Esta é a razão porque entendo que pecado é amar mais o passado que o futuro, amar mais o velho que o novo, amar mais os mortos e a morte que os vivos e a vida.

Quando Jesus chamava os fariseus de sepulcros caiados, Ele indicava que a sua religião, por ser a preservação do passado, era realmente o culto da morte. Esta é a razão porque o Novo Testamento relaciona a lei e o legalismo com a morte. Porque lei significa fazer o passado norma do nosso presente, fazer os mortos os senhores dos vivos.

O sentido da reforma protestante está em que ela redescobriu a liberdade. Lutero chegou a dar um dos seus tratados mais lindos o título de: “Liberdade do Homem Cristão”. No catolicismo Romano Medieval a proclamação de liberdade se transformara no culto da autoridade, da lei, e da estrutura. Lutero percebeu que o espírito daquela igreja era a própria inversão e negação do evangelho. Daí a

³⁸ TIME, Dec. 26, p. 32-37.

necessidade de protestar, de resistir, de emigrar para formar, fora da terra da servidão, uma nova comunidade baseada no amor e na liberdade.

Estou convencido, entretanto, que uma estranha metamorfose se processou. A comunidade de liberdade se esqueceu, traiu e se rebelou contra ela. Na verdade, não existe novidade nisto. Os profetas viram com muita clareza que Israel tinha irresistível vocação para a prostituição, para o abandono de seu Deus, para os ídolos, para o passado, para a morte. Até que um deles proclama, em nome de Deus: “Não sois mais o meu povo”. Segundo nosso ver, esta é a situação em que se encontra presentemente a Igreja Presbiteriana do Brasil. Triunfa o autoritarismo sobre a comunidade; as estruturas sobre as pessoas; o passado sobre o futuro; a lei sobre o amor. E, em última instância, a morte sobre a vida.

Ninguém pode indefinidamente contrariar suas convicções e valores espirituais, sem que o próprio espírito sucumba. Estou convencido de que a Igreja Presbiteriana do Brasil, hoje, é uma grotesca ressurreição dos aspectos mais repulsivos do Catolicismo Medieval. Continuar fiel a ela, continuar a ser contado como um de seus ministros, é compactuar com uma conspiração contra a liberdade e o amor. Por isso tomei hoje, 15 de setembro de 1970, a decisão de romper com ela. “Como andarão dois juntos se não estiverem de acordo?” Solicito, portanto, do POMN (Presbitério Oeste de Minas), de forma irrevogável, que meu nome seja cortado tanto do rol dos pastores quanto do rol de membros da IPB.

Estou convicto, teologicamente, que a comunidade de fé já emigrou. Nenhuma estrutura legal e de poder pode contê-la, ou domesticá-la. Assim como no êxodo ela abandonou as panelas de carne do Egito para peregrinar no deserto, assim como os profetas abandonaram e desprezaram toda a estrutura oficial, para viver espalhada, escondida, incógnita no mundo. O amor e a verdade frequentemente nos obrigam a emigrar. Abraão emigrou por fé e amor. Também, os profetas emigraram por fé e amor para fora das instituições eclesásticas reconhecidas. E Jesus? Emigrante permanente: deslocou-se da interioridade protegida de uma instituição toda poderosa para um deserto de incertezas. A vocação pela liberdade é a vocação para emigrar. Daí a afirmação neotestamentária de que não

temos casa ou terra permanente. Vivemos pela esperança de algo novo. Se o Novo Testamento está certo, o “Espírito se encontra onde se encontra a liberdade”, não encontro liberdade na IPB. É hora, portanto, de buscar a comunidade do Espírito, fora dela

A notícia do desligamento foi publicada no Boletim CEI, em novembro do mesmo ano³⁹. Rubem rompe com a instituição a qual se dedicara como pastor por 12 anos. A carta de ruptura expressava não apenas o sentimento de seu emissor, mas muitas outras pessoas sentiam-se identificadas. Sobre isso, Joaquim Beato, pastor presbiteriano que vivenciava angústia semelhante comentou:

A carta do Rubem era a nossa carta. Nós contamos com a aquela carta, porque nós ficamos 20 anos sob perseguição. Então ele saiu quando nós saímos também. Ele formulou as razões por que nós saímos. Eu não seria capaz de colocar nos termos que ele colocou. Estávamos identificados, mais uma vez, foi ele que liderou, ele soube explicitar o sentimento implícito do grupo que estava sendo perseguido pelas lideranças institucionais da igreja. (NUNES, 2001, p. 46)

Agora, desfeito os vínculos eclesiásticos relativos ao exercício do sacerdócio, era preciso se refazer, se reinventar, crescer. Desfeito o cenário religioso, se extinguiria a extrema turbulência emocional, a angústia de aniquilamento e despersonalização a qual Rubem parecia passar e reclama em sua carta de demissão da IPB. No entanto, as credenciais pastorais construídas até então não eram válidas para a nova etapa da vida. A única coisa que poderia levar consigo era o título de *PhD* em Filosofia obtido em Princeton. A nova conjunção, mais estável, exigia uma mudança de cenário. Da vida religiosa, para a vida acadêmica.

A inserção em uma universidade brasileira se deu por convite de um amigo que fizera em New Jersey. Logo após concluir seu doutorado em Sociologia, na USP, em 1966, Paul Singer foi aos Estados Unidos estudar Demografia na Princeton University e lá conheceu Rubem Alves. Ao chegar em solo americano, **Paul** e sua esposa **Melanie Berezovsky** foram acolhidos pelo mineiro que o apresentou a cidade e os conduziu, de carro, aos lugares onde poderiam comprar móveis usados. Por isso, ficaram amigos. Anos depois, após a chegada de Rubem ao Brasil, este sem emprego, Paul o telefona e pergunta se havia interesse dele em ser professor na cidade de Rio Claro.

Assim, Rubem Alves ingressa na carreira acadêmica como professor de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Um lugar modesto,

³⁹ Boletim CEI, nº 48, novembro de 1970, p. 7. O conteúdo parcial foi republicada no mesmo instrumento de divulgação, nº 56, em julho de 1971, p. 6-7.

para trabalhar precisaria pegar o trem da Paulista. Mas a grande vantagem, segundo ele, era “o espaço humano da Fafi-Rio Claro era manso. Como se houvesse uma auréola de inocência em torno daquele lugar. Lá não era preciso estar em guarda. Não havia armadilhas pelo caminho”⁴⁰.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião em trânsito. In: *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia*. Coordenador geral Carlos Benedito Martins. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- ALVAREZ, E. Perez. “Richard Shaull. Sobre la marcha”, *Cencos, Iglesias* 19, 218 (maio de 1997).
- ALVES, R. *Por uma educação romântica*. Campinas/SP: Papirus, 2002.
- ALVES, Rubem. *Aprendiz de mim: um bairro que virou escola*. Campinas-SP: Papirus, 2004.
- ALVES, Rubem. *O futebol levado do riso: lições do bobo da corte*. Campinas: Verus Editora, 2006.
- ALVES, Rubem. *O sapo que queria ser príncipe*. São Paulo: Editora Planeta, 2009.
- ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2007.
- ALVES, Rubem. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES, R. Sobre deuses e caquis. In: ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas – SP: Papirus, 1987.
- ALVES, Rubem. *Teologia do Cotidiano*. Meditações sobre o momento e a eternidade. São Paulo: 1984.
- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Coleção “Os pensadores”*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes na primeira fase do Regime Militar brasileiro: atos e retórica da Igreja Presbiteriana Independente (1964-1969). *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo: UESP, v. 16, n. 23, p. 83-140, jul./dez. 2002
- CANDIDO, Antônio. O Homem dos Aversos. In: _____. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro: CAVALCANTI, R. *Cristianismo e política*. 2ed. Niterói: Vinde, 1988.
- CERVANTES-ORTIZ, Rubem Alves y La teología latino americana. (Dissertação de Mestrado). Coordinacion y Difusion di Estudios Latinoamericanos. México: Universidad Nacional Autónoma Del México, 2005.

⁴⁰ Correio Popular online, 18/04/2010

- CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um espantalho*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p.21
- FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e Compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *Uma nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- GOMIDE, Denise Camargo. *Rubem Alves e o pensamento educacional-liberal: aproximações*. Campinas, Unicamp. Dissertação de Mestrado, 2004.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Lé pèlerin et lé converti: La religion en mouvement*. Paris:
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: *Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas da biografia. In: *Por uma história política*. [Trad. Dora Rocha]. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- MACIEL, Elter Dias. *Pietismo no Brasil: um estudo de sociologia da religião*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1972.
- MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *A espiritualidade como experiência do corpo*. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1997.
- MANZATTO, Antônio. Teologia e literatura: *Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Tradução de Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 7ª Ed.
- NUNES, A. V. *O que eles pensam de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2007.
- NUNES, A. Vidal. *Corpo, Linguagem e Educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*. São Paulo: Paulus, 2008.
- NUNES, Antonio Vidal. *Rubem Alves e a Educação dos Sentidos: um estudo dos seus pressupostos filosóficos e pedagógicos*. (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação- USP, 2001.
- PELLEJERO, Eduardo. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. *Polymatheia – Revista de Filosofia*. Fortaleza, VOL. IV, N° 5, 2008, P. 61-78
- RAMOS, Jovelino. Protestantismo Brasileiro, visão panorâmica. *Revista Paz e Terra*, Ano II, nº 6, abril de 1968.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe: o debate metodológico*. Petrópolis: Cehila; Vozes, 1997. p. 81-131.
- SANTA ANA, Julio de. A Richard Shaull: teólogo e pioneiro ecumênico – um testemunho reconhecido. In: VVAA, *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: CEDI, CLAI, Prog. Ecum. De Pós- Grad. em C. da Religião, 1985, p. 33-39
- SCHAWACZ, Lília Mortiz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e Papel, Realidade e Imaginação: as biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema. XXII Encontro Anual da ANPOCS.

-
- Caxambu, 1998. Disponível em
<bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/bisso.rtf> Acesso em 20 de Maio de 2011
- SHAULL, Richard. *De dentro do Furacão*: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação. São Paulo: CEDI; CLAI, 1985. (Coleção Protestantismo e Libertação, Vol. I) p. 180-209
- SILVA, Anaxsuell F. *A religiosidade em Pessoa*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2008.
- SILVA, Anaxsuell F. *Poética da existência*: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas. (Tese de Doutorado). Campinas/SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, 2014. 303p.
- RIBEIRO, R. A. *A aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2006.
- THROOP, C. Jason. Minding experience: an exploration of the concept of “experience” in the early french anthropology of Durkheim,, Lévy-Bruhl, and Lévi-Strauss, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 39(4), 365–382 Fall 2003
- TURNER, Victor: Social Dramas and Stories about Them, *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 141-168.